



## Um Estudo Sociofuncionalista das Variantes Negativas *Não* e *Num*

Savanna Souza de Castro Pereira<sup>1</sup>; Valéria Viana Sousa<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste estudo investiga-se as variantes negativas *não* e *num* na oralidade, a fim de verificar quais as posições sintáticas que favorecem o uso das variantes, à luz da teoria Sociofuncionalista. Têm-se a hipótese de que a variante *não* é categórica em contextos de *respostas isoladas* e em posição *pós-verbal*, entretanto, nas posições *pré-verbal* e *dupla negação* ocorrem à alternância entre o *não* e *num*. Sobre os fatores independentes sociais, acredita-se que o sexo masculino lidera o processo de variação linguística da negação em relação às mulheres. Os dados analisados nesta pesquisa foram retirados dos *Corpora* Português Popular e Culto de Vitória da Conquista, e submetidas à análise quantitativa. Em suma, nos resultados obtidos verificou-se que a posição *pré-verbal* favorece tanto a variante negativa *não* quanto a reduzida, *num*. Quanto ao fator extralinguístico sexo constatou-se que as mulheres estão propagando a variante reduzida, *num*, contrariando, assim, a hipótese inicial.

**Palavras-Chave:** Não, Negativa, Sociofuncionalismo

### A Socio-functional study of the Negative Variants "Não" and "Num"

**Abstract:** In this study we investigate the negative and non-oral variants in order to verify which syntactic positions favor the use of the variants, in the light of the Socio-functional theory. It is hypothesized that the variant is not categorical in contexts of isolated responses and in post-verbal position, however, in the pre-verbal and double negation positions occur to the alternation between the *não* and *num*. Regarding the independent social factors, it is believed that the male leads the process of linguistic variation of denial in relation to women. The data analyzed in this research were taken from the *Corpora* Português Popular and Cult of Vitória da Conquista, and submitted to quantitative analysis. In summary, in the results obtained it was verified that the pre-verbal position favors both the negative and the *não*-reduced variant, *num*. Regarding the extralinguistic sex factor, it was found that women are propagating the reduced variant, one, thus contradicting the initial hypothesis.

**Keywords:** No, Negative, Sociofunctionalism

### (Sócio)Funcionalismo: Breve Considerações sobre um Casamento Teórico entre a Sociolinguística e o Funcionalismo

A análise do fenômeno da negação realizada nesse estudo é respaldado pelo duplo enfoque da articulação de pressupostos teóricos e conceituais da Sociolinguística e do Funcionalismo, que até a década de 80 eram desenvolvidas em âmbitos diferentes da linguística.

<sup>1</sup> Graduada em Letras Modernas (2016) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestre em Linguística com área de concentração em Sociolinguística e Sociofuncionalismo (2018) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. [savanna.scastro@gmail.com](mailto:savanna.scastro@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (área de concentração em Linguística e em Língua Portuguesa). Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL/UESB). Líder do grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq.

Essa junção entre teorias, que tomam a variação do ponto de vista da função discursiva e a explica por meio dos princípios funcionais, resultou na teoria Sociofuncionalista. Sobre a união dessas duas correntes, Tavares (2003) comenta que essa não é uma tarefa simples já que o,

(...) casamento teórico entre o funcionalismo linguístico voltado ao estudo da gramaticalização e a sociolinguística variacionista laboviana ocorre como uma conversa na diferença, pelo ajuste dinâmico, contextual, e transitório entre conceito e pressupostos teórico-metodológicos advindo de cada modelo ‘mãe’. (TAVARES, 2003, p. 94)

Tavares (2003) ressalta, ainda, que o “casamento teórico” das duas vertentes não são a soma dos pressupostos teóricos de cada teoria-fonte, como foram propostos inicialmente, mas, sim, do estabelecimento de pressupostos teóricos que resulta do diálogo entre elas.

Nesse diálogo, entre a Teoria Variacionista e o Funcionalismo, alguns postulados teóricos são compatíveis, sendo possível, até mesmo, explica-los e nomeá-los a partir das suas similaridades teóricas, por exemplo, *variação/ estratificação*. Partindo desse ponto em comum, o Sociofuncionalismo prioriza o estudo da língua em uso, por reconhecer sua natureza heterogênea, onde as variações e as mudanças abrigam.

Por não dissociar língua/uso, a teoria estuda as *estruturas gramaticais* inserida no contexto real de uso, em que as formas gramaticais são negociadas e adaptadas a cada ato de fala, a partir das experiências dos falantes com a situação comunicativa e da avaliação que eles fazem acerca do contexto.

Nessa perspectiva a *gramática* é tida como dinâmica, fluída e inerente ao sistema linguístico, conforme o postulado de Hopper (1987,1988), e as categorias gramaticais não são discretas, não há delimitação bem definida entre elas, mas, constitui-se como um contínuo entre elementos prototipicamente gramaticais e outros que desempenham papéis lexicais.

Outro conceito comum ao Sociofuncionalismo é o fenômeno da *mudança linguística* que refere-se tanto ao surgimento quanto a propagação social, por isso é encarada como um processo gradual e contínuo, disseminada tanto pelo contexto linguístico como pelo contexto social.

A *mudança em progresso*, por sua vez, é caracterizada quando há diferenças entre informantes mais velhos e os mais jovens. É por isso, que a motivação para determinados usos da forma linguística é o principal interesse dessa teoria, por levar em consideração fatores extralinguístico, cognitivos e comunicativos que podem influenciar nas formas de se codificar as informações no plano sintático, semântico, morfológico e fonológicos.

A frequência de ocorrência dos itens linguísticos é primordial para manutenção e preservação da variação e/ou mudança na gramática da língua, podendo, assim, mensurar as etapas do processo da gramaticalização e quantificá-los em programas estáticos. Além disso, nesse aporte teórico não se faz distinção entre estudos sincrônicos e diacrônicos, mas lança mão de métodos rigorosos para demonstrar como as línguas se estruturam e mudam na perspectiva panocrônica.

### **A Negação e os Estudos Linguísticos: Várias Perspectivas de Abordagem**

O uso do *não* é categórico para inverter o valor de verdade. Prescrito pelas gramáticas da Tradição Gramatical como a principal partícula adverbial negativa, o uso frequente da negação tem resultado em novas variantes sintáticas e fonológicas, equivalentes semanticamente. Esse fenômeno é estudado sobre várias lentes, como veremos a seguir.

No texto “*A negação do Português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em corpus*”, Nunes (2014) observa o convívio sincrônico de três estratégias negativas: a pré- e pós-verbal e a dupla negação. Em consonância com Furtado da Cunha (2000), que prevê um caminho<sup>1</sup> motivado por fatores pragmáticos, fonológicos, cognitivo e sintático para a mudança da negação, Nunes (2014) afirma que a dupla negação surge a partir da necessidade comunicativa do informante em tornar a negação mais expressiva e propõe a hipótese de que a negação sentencial do Rio de Janeiro está passando por um processo de mudança.

Para atestar a hipótese, Nunes (2014), amparada pela metodologia da Sociolinguística Variacionista, estabelece os três tipos de negação como variante dependente ternária. Define, também, as variantes independentes em fatores linguísticos: Sujeito (1ª, 2ª e 3ª pessoa) e tempo verbal (presente, passado e futuro); e em fatores extralinguísticos, gênero/sexo, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes a fim de obter valores quantitativos referentes à frequência de uso. Os dados coletados foram retirados de oito entrevistas selecionadas do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), na qual os informantes estavam estratificados em sexo, faixa etária e nível de escolaridade, constituindo, assim, o *corpus* da pesquisa.

---

<sup>1</sup> Furtado da Cunha (2000) propõe um caminho circular, motivado por fatores pragmáticos, fonológicos, cognitivo e sintático, para o processo de mudança linguística da negação: 1- reforço opcional da negação através do acréscimo do pós-verbal; 2- reanálise do não pós-verbal como elemento obrigatório via repetição de uso; 3- redução fonológica do não pré-verbal e 4- eliminação da redundância através da omissão do não pré-verbal.

Ao contabilizar a ocorrência total os dados, Nunes (2014) percebeu que há predominância da realização canônica da negação (73,1%), a dupla negação foi intermediária (25,4%) e a negação pós-verbal foi incipiente (1,5%). Constatou, então, que as variantes inovadoras não têm força suficiente para sobrepor a variante canônica.

A princípio, Nunes (2014) hipotetizou para o fator linguístico tipo de sujeito o favorecimento das três estruturas negativas na primeira pessoa do singular, principalmente, a dupla negação, já que o falante tende a enfatizar quando fala de si mesmo. Ao propor a leitura dos dados, a pesquisadora verificou que a primeira hipótese foi confirmada, pois a primeira pessoa (69,2%) e a terceira pessoa (30,8%) favoreceram a presença da dupla negação, enquanto que não foi encontrada nenhuma ocorrência com a segunda pessoa. Em comparação com as outras variantes, a negação pré-verbal ocorreu com (56,6%) na primeira pessoa e (43,4%) na terceira pessoa, já a negação pós-verbal (61,5%) e (38,5%) com a primeira e terceira pessoa, respectivamente.

A segunda hipótese lançada por Nunes (2014) sobre a variável independente linguística foi que a dupla negação emerge no contexto de tempo verbal passado, já que o *corpus* utilizado constitui-se, basicamente, por narrações. No entanto, essa hipótese não foi totalmente confirmada, haja vista que o tempo presente (83,2%) foi predominante em relação ao passado, com (16,8%), enquanto que, no futuro, não encontrou nenhuma ocorrência.

A respeito das variantes independentes extralinguísticas, Nunes (2014) chegou à conclusão de que as mulheres são mais conservadoras, como previu Labov (2006 [1968]), e, por isso, realizaram mais negações canônicas. No que concerne à faixa etária, os jovens foram os que menos utilizaram a variante inovadora pós-verbal e, por fim, essas ocorreram com maior frequência nos informantes com menor nível de escolaridade. Curiosamente, Nunes (2014) notou que a negação canônica é recorrente entre usuários com menos tempo de escolaridade. No entanto, os resultados encontrados para a outra variante inovadora: a dupla negação evidenciaram que o sexo masculino e a faixa etária jovem o menor grau de escolaridade favorecem o uso da dupla negação.

Outro estudo relevante sobre a negação é “*A negação no Português falado em Vitória/ES: atuação de fatores discursivos e pragmático*”, desenvolvido por Reimann e Yacovenco (2014), que observaram como as três estratégias de negação são construídas no português falado em Vitória/ES, levando em consideração os aspectos linguísticos, discursivo-pragmáticos, sintáticos e sociais, como base na teoria e na metodologia da Sociolinguística Variacionista.

Para mapear o uso da negação na língua em uso, Reimann e Yacovenco (2014) utilizaram dezoito entrevistas retidas do banco de dados do Português Falado na Cidade de Vitória (Projeto PortVix) sob a orientação variacionista. As variantes negativas foram eleitas como variáveis dependentes e as variáveis independentes linguísticas foram os fatores linguísticos pragmáticos (o *status* informacional do discurso; tipo de sequência discursiva; ausência ou presença de reforço negativo) e fatores sintáticos (tipo de oração; presença ou ausência de marcadores conversacionais e o tipo de sujeito). Por fim, as variáveis independentes extralinguísticas sociais foram gênero/sexo, faixa etária e escolaridade. Para cada fator, eles estabeleceram uma hipótese que será respondida pelos dados, como veremos a seguir.

Segundo a análise de Reimann e Yacovenco (2014), no vernáculo de Vitória/ES, a estrutura dupla negação apresentou valor probabilístico de (21,1%) enquanto que a negação pós-verbal (1,5%). Foram analisados quatro fatores, a saber:

O primeiro fator linguístico foi a variável *status* de informação, com a hipótese inicial de que a negação pré-verbal ocorreria em contextos nos quais o *status* da informação era nova, enquanto que a dupla negação aparecia em contextos em que a informação negada era velha/dada no discurso (SCHWENTER, 2005). Diante de informações novas (evocadas), a negação pré-verbal teve frequência de (73,8%), enquanto que a dupla negação teve (21%) ocorrências e a pós-verbal (2,4%). Os dados confirmaram a hipótese inicial dos pesquisadores.

A segunda variável observada foi o tipo de sequência discursiva. Reimann e Yacovenco (2014) perceberam que os diálogos favoreciam mais a ocorrência da dupla negação (.80) por causa da interação estabelecida entre o informante e o entrevistador. Porém a narração (.29) e a argumentação (.33) são sequências que, por serem mais longas e com pouca troca de turno, desfavoreceram a ocorrência da dupla negação.

O terceiro fator foi a presença ou ausência de marcadores conversacionais. Para os autores, os marcadores conversacionais servem como elos coesivos que mantêm a interação falante/ouvinte. Na presença dos marcadores conversacionais, as ocorrências do *não* pós-verbal foram bastante restritas. O mesmo ocorreu com a dupla negação que apresentou peso relativo de (0.19). (Ex: eu **não** tenho vontade de votar **sabe?**). Para Reimann e Yacovenco (2014), os marcadores desfavorecem a ocorrência da dupla negação e da negação pós-verbal.

O último aspecto codificado por Reimann e Yacovenco (2014) foi a ausência ou presença do reforço negativo (nenhum, nunca, nem nada, ninguém). Segundo os pesquisadores, o reforço negativo quando aparece na sentença simultaneamente com o *não* opera como dupla negação. Essa hipótese foi ratificada pelos dados. Na presença do reforço negativo, a dupla

negação foi desfavorecida com peso relativo de (0.19) contra (0.52) quando não havia a presença dos marcadores.

Outra pesquisa que trata dos três mecanismos de negação é *Análise funcionalista das estratégias de negação do português oral culto de Fortaleza: um estudo de caso*, de Braga e Silva (2011). Nesse estudo, os linguistas hipotetizaram que os jovens realizam mais estratégias negativas, por fazerem mais uso do registro coloquial, e que a negação varia conforme a faixa etária, como comprovou Furtado da Cunha (2001).

Objetivo do estudo, segundo Braga e Silva (2011), foi o de analisar ocorrências das estratégias negativas no português oral culto da cidade de Fortaleza através de dois registros documentados no *corpus* Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). Os autores ressaltam, ainda, que utilizaram informantes homens por acreditarem que a variável sexo não interferiria nas realizações da negação. Essa visão, no entanto, é oposta ao que Nunes (2014) fez referência e, conseqüentemente, considerou como variável independente linguístico, e, por fim, constatou no estudo da negação no Rio de Janeiro.

Após um breve aporte teórico funcionalista, Braga e Silva (2011) analisaram os dados e verificaram que o índice de realizações da estratégia negativa pré-verbal é alta tanto em informantes homens da faixa I (75%) quanto nos informantes homens da faixa III (87,09%). No entanto, os pesquisadores atribuem a maior ocorrência da negação pré-verbal ao falante da faixa III por ser um uso mais clássico e mais antigo no sistema.

Em relação à dupla negação, Braga e Silva (2011) inicialmente esperavam que o jovem realizasse mais dupla negação do que informantes da faixa III, porém, ao interpretarem os dados, eles perceberam que, nos dois inquéritos, ambos realizaram a dupla negação. Os falantes mais velhos realizaram quatro ocorrências da dupla negação (12,90%) e os jovens realizaram quatro ocorrências (18,75%). Os dados refutaram a hipótese inicial. Caberia, então, na pesquisa empreendida, uma análise mais criteriosa e com mais informantes para verificar se esse não seria um caso de mudança em andamento como Nunes (2014) verificou.

A estratégia negativa, pós-verbal, apareceu apenas uma vez no *corpus* na fala do informante jovem. Segundo Braga e Silva (2011), a pouca frequência da variante ocorre por essa ser a mais recente na escala da gramaticalização. A esse respeito, eles dizem: “Talvez isso ocorra por causa da difícil assimilação do ponto de vista cognitivo, pois a sequência enunciativa se desenvolve num ritmo de afirmação quando é interrompida pelo não final.” (BRAGA; SILVA, 2011,p.75). Os pesquisadores verificaram, ainda, que não só a faixa etária influencia

na utilização das novas estratégias de negação, como também o grau de formalidade e intimidade entre os falantes.

Nunes (2014), Reimann e Yacovenco (2014) e Braga e Silva (2011) abordaram os três tipos de estratégias negativas simultaneamente, considerando fatores linguísticos diferentes a fim de consolidar o ambiente linguístico em que as variantes emergem, sem esquecer, dos fatores sociais que têm condicionado a mudança linguística. Essas visões demonstram, assim, que a negação é altamente produtiva e possibilita novas perspectivas de estudo.

Posto essa breve consideração conceitual sobre o Sociofuncionalismo e a descrição de trabalhos linguísticos sobre a negação, passaremos, então, a análise dos dados.

## Metodologia

Reconhecendo o quanto os procedimentos metodológicos são determinantes para uma pesquisa que tenha por finalidade o estudo da língua em uso, apoiamo-nos nos procedimentos, para a parte metodológica da pesquisa, dos postulados da Sociolinguística Laboviana e, para a parte analítica dos dados, na teoria Funcionalista, formando, portanto, o casamento teórico: o Sociofuncionalismo. No diálogo entre essas teorias, realizarmos um estudo no tempo aparente, isto é, em um recorte temporal em que se possa aferir o estágio da mudança da negação em uma perspectiva sincrônica.

Os dados analisados foram retirados dos *corpora* Português Popular<sup>2</sup> e do Português Culto de Vitória da Conquista- Bahia, organizados e desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo- CNPq (Grupo Janus).

A partir da seleção das entrevistas, as coletas e categorização dos dados, foram realizadas as análises quantitativas, utilizando o programa *GoldVarb X*, programa estatístico que lida com regras variáveis, e em seguida, à análise qualitativa.

## Análise de Dados

Nos *corpora* investigados, encontramos o total de 2.518 construções negativas, entre o item *não* e a variante fônica *num*, como mostra, detalhadamente, o quadro 1:

---

<sup>2</sup>Referenciaremos o corpus Português Popular de Vitória da Conquista como PPVC e o corpus do Português Culto de Vitória da Conquista como PCVC.

**Quadro 1:** Distribuição do quadro de variantes negativas

<b>Variantes</b>	<b>Nº de Ocor.</b>	<b>%</b>
<i>Não</i>	1501	59,6%
<i>Num</i>	1017	40,4%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Observando o quadro 1, notamos a distribuição individual de cada variante, considerando que a partícula negativa *não* apresentou maior número de ocorrências, 1.501, em relação à variante *num* com 1017 realizações, equivalente a (59,6%) e (40,4%) respectivamente. Tais dados confirmam a alta produtividade da negação e da sua variante no vernáculo conquistense, possibilitando, assim, analisar os contextos sintáticos e sociais que favorecem as variantes negativas e, então, chegar a possíveis conclusões sobre o estado da variação linguística.

### **Estrutura da negação**

Esse grupo de fatores teve por finalidade verificar quais são as possíveis posições sintáticas do item negativo na sentença, tomando como parâmetro o verbo ou o constituinte lexical sobre o escopo da negação, com o item *não*, e se, caso não houvesse nenhum constituinte, verificamos a estrutura que condicionava a ocorrência das variantes, por exemplo, perguntas. No quadro 2, apresentamos os valores percentuais de todas as estruturas negativas para cada variante.

**Quadro 2:** Estrutura da negação

<b>Estrutura da Negação</b>	<b><i>Não</i></b>		<b><i>Num</i></b>	
	<b>Nº Ocor.</b>	<b>%</b>	<b>Nº Ocor.</b>	<b>%</b>
Pré-verbal	681/1411	48.3%	730/1411	51.7%
Pré-constituente	46/47	97.9%	1/47	2.1%
Pós-constituente	256/256	100%	0/256	0.0%
Dupla Negação	92/378	24.3%	286/378	75.7%
Isolado	426/426	100%	0/426	0.0%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A hipótese que norteia esse grupo de fatores é de que as variantes *não* e *num* são mais frequentes na posição *pré-verbal* e no início da *dupla negação*, ao passo que apenas o *não* é favorecido nas posições pós-constituintes e isolado.



Ao analisar os dados estatísticos, verificamos que, na posição *pré-verbal*, o *não* apresentou (48.3%) e o *num* (51.7%) das ocorrências, confirmando, assim, a hipótese inicial. A alta frequência da variante *num* na posição *pré-verbal* condiciona-nos a inferir que há uma significativa aceitabilidade da variante reduzida pelos falantes, por isso ocorre a aproximação dos valores percentuais entre as variantes negativas.

A *dupla negação*, por sua vez, é constituída pela realização simultânea de dois itens negativos *não/num* na sentença, sendo um à esquerda do verbo e o outro à direita ou no final da sentença. Como mostra os excertos a seguir:

(01) INF: *todas num trabalha não, as... as criança que conheço, tudo normal, num trabalha não* [G.N.B. Fem. Faixa I PPVC]

(02) INF: *mas eu não gosto de jogar esse jogo não quem joga é meu irmão. Jogo p0a mim parece que é infantil.* [L B.R. Masc. Faixa II PPVC]

Sobre a *dupla negação*, Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (1996) compreendem que a duplicação do item negativo é decorrente do desgaste do valor semântico do primeiro *não* e caberia, então, ao segundo *não* a carga enfática da negação. Roncarati (1996) acrescenta, ainda, que a *dupla negação* compõe uma das etapas do processo de gramaticalização da negação, na qual ocorre o enfraquecimento do primeiro *não* tônico para átono até atingir a queda do primeiro elemento, permanecendo o segundo *não* e, consecutivamente, emerge outra posição sintática na língua, a *pós-verbal*.

Acrescentando os apontamentos das referidas autoras às nossas observações, estabelecemos como critério de classificação, para a nossa análise, a primeira realização negativa do *não*, pois constatamos que, somente na posição *pré-verbal*, ocorre variação entre *não* e *num*. Sendo assim, esse é um ambiente categórico para ocorrer à alternância entre as variantes.

Ao considerar a categoria *dupla negação*, os valores encontrados foram os de (75.7%) com construções com *num* e (24.3%) para estrutura com *não*. Podemos afirmar que, dentre os fatores que condicionam o *num*, a repetição do mesmo elemento negativo é determinante para a realização dessa variante na língua falada.

Por outro lado, não foi encontrada nenhuma ocorrência do *num* nas posições *pós-constituente e isolado*, como era de se esperar. Esses, portanto, não são ambientes favoráveis para a produção da variante reduzida *num*, confirmando, assim, a hipótese inicial de que a posição *pré-verbal* e *dupla negação* são contextos altamente produtivos para as realizações da variante fônica *num*.

Curiosamente, ocorreu um dado inesperado: a ocorrência do *num* na posição *pré-constituente*. Vejamos:

(03) INF: *assim que eu num... disponibilidade... de viagem... de distanciar da família*  
[J.B.D.F. Masc. Faixa III]

Acreditamos que a ocorrência da variante reduzida na posição *pré-constituente* deu-se pela supressão do verbo, sendo, então, uma negação pré-verbal já que apenas o verbo pode condicionar a redução fônica de tônico para átono do item linguístico *não*. Como esse processo cognitivo é impossível de captar na transcrição das entrevistas, cabe-nos, então, interpretar o contexto de ocorrência e perceber que o escopo de negação recai sobre toda oração, mas, principalmente, no substantivo, que é o elemento mais próximo da negação.

Para as negativas com *não* nas posições *isolada* e *pós-constituente*, tivemos o valor categórico de (100%). Para entender melhor a classificação da posição *isolada*, é necessário explicar quais foram os dados encontramos nos *corpora*. Nos *corpora* analisados, o *não*, *a priori*, é regularmente utilizado pelos informantes para responder perguntas fechadas, para as quais, na maioria das vezes, não havia complementos. Outra situação do uso isolado do *não* é como *introdutor discursivo*, ou seja, sem valor negativo. O valor total das ocorrências negativas apenas com o item *não* havia sido prevista, devido aos argumentos apresentados por Furtado da Cunha (1996).

Apoiados em Braga e Silva (2011), que supõem a assimilação do ponto de vista cognitivo a enunciados que seguem no ritmo de afirmação, mas é interrompido por um elemento negativo, justificamos a frequência total do *não* na posição *pós-constituente*. Além disso, a dependência fônica do *num* é outro motivo que inibe a presença desse na posição *pós-constituente*.

Fatores que apresentam (100%) das ocorrências, como as posições *pós-constituintes* e *isolada* para a variante *não*, são interpretadas pelo programa estatístico *GoldVarb X* como *Knockout*, isto é, uma variante é categórica em relação a outra considerando algum fator. No entanto, é preciso ressaltar, como afirma Oliveira (2016), que esses dados já fornecem informações imprescindíveis para a compreensão do fenômeno.

## Fatores Extralinguísticos

### Escolaridade

O fator extralinguístico nível de escolaridade, geralmente, é decisivo para casos de variação linguística, isso acontece porque as instituições formais de ensino propagam a utilização da variante padrão em detrimento das outras não-padrões, que, geralmente, são estigmatizadas.

Para esse grupo, assumimos a hipótese de que informantes do Português Culto realizam mais a variante de prestígio *não*, ao passo que informantes do Português Popular produzem mais a variante fônica *num*. Apresentamos, então, os dados gerais para esse fator, no Quadro 3:

**Quadro 3:** Nível de escolaridade

Escolaridade	<i>Não</i>		<i>Num</i>	
	Nº de Ocor.	%	Nº de Ocor.	%
Popular	714/1396	51.1%	682/1396	48.9%
Culto	787/1122	70.1%	335/1122	29.9%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Através dos dados distribuídos no Quadro 3, é possível averiguar que os falantes do Português Popular apresentaram menor frequência na produção da variante *não* (51.1%) e maior frequência na variante reduzida *num* (48.9%) em relação aos informantes cultos, que realizaram o *não* em (70,1%) e o *num* em (29.9%) das ocorrências, conforme havíamos hipotetizado.

Esses resultados confirmam a hipótese inicial de que informantes do *Português Culto* realizam mais a variante padrão do que os informantes do *Português Popular* que, por sua vez, realizariam mais a variante fônica.

### Faixa etária

**Quadro 4:** Faixa Etária

Faixa etária	<i>Não</i>		<i>Num</i>	
	Nº de Ocor.	%	Nº de Ocor.	%
Faixa I	553/856	64.6%	303/856	35.4%
Faixa II	596/1013	58.8%	417/1013	41.2%
Faixa III	352/649	54.2%	297/649	45.8%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Através da *faixa etária* dos informantes podemos realizar um estudo de tempo aparente para verificar se o objeto de estudo encontra-se em processo de mudança linguística ou para atestar a variação estável do fenômeno na comunidade (NARO, 2008). Isso posto, examinamos quais os valores percentuais para cada variante conforme a estratificação dos informantes que compõem os *corpora* investigados.

Ao examinar o Quadro 4, notamos que a maior frequência da negação com *não* ocorre com informantes da faixa I e a maior ocorrência da variante *num* encontra-se com os informantes da faixa III. A hipótese para esse grupo é parcialmente confirmada, pois não há uma discrepância relevante entre as faixas etárias evidenciando, então, a variação estável, o que pode ser facilmente constatado pelos pequenos percentuais de diferença entre as três faixas etárias para realização de ocorrências tanto do *não* quanto do *num*. Para uma visão mais detalhada sobre esse grupo de fator, faremos, posteriormente, o cruzamento das variáveis faixas etárias e sexo.

## Sexo

**Quadro 5: Sexo**

Sexo	<i>Não</i>		<i>Num</i>	
	Nº de Ocor.	%	Nº de Ocor.	%
Masculino	657/985	66.7%	303/985	35.4%
Feminino	844/1533	55.1%	689/1533	44.9%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Pesquisas sociolinguísticas, normalmente, correlacionam as escolhas linguísticas dos informantes ao *sexo* e, nessa correlação, a rigor, as mulheres são mais conservadoras em relação às escolhas lexicais do que os homens. Pelo papel social que as mulheres exercem na sociedade, apresentam a tendência a utilizarem mais o dialeto de prestígio, sobretudo, nas áreas urbanas. Geralmente, as mulheres tendem a preferir a variante de prestígio e, não raro, lideram o processo de mudança linguística, principalmente quando a forma inovadora não sofre estigma. No entanto, Lucchesi (2004) ressalta que deve ser levado em consideração o perfil masculino e feminino dentro do contexto em que estão inseridos. Considerando tais apontamentos, conforme mencionamos anteriormente nesta dissertação, passemos a analisar a variável sexo.

A seguir, o Quadro 5 com os valores percentuais para cada faixa:

Surpreendentemente, os valores percentuais dos dados não atestaram a hipótese de que mulheres realizam mais a variante de prestígio. Ocorreu, no entanto, o maior índice da variante *não* pelos homens (66.7%) e a maior porcentagem da variante *num* pelas mulheres (44.9%). Esse, porém, não é um caso isolado, Sousa e Vitral (2010) também encontraram valores mais significativos de ocorrência da variante inovadora em mulheres do que em homens. Por outro lado, Nunes (2014) constatou, em seus estudos, resultados inversos, as mulheres foram mais conservadoras em comparação aos homens. Já Braga e Silva (2011) não consideraram o fator *sexo* como uma variável determinante para a produção da variante negativa e, por isso, optaram por utilizar apenas a fala de informantes do sexo masculino.

Após análise dos dados, podemos afirmar que o *sexo* feminino está liderando a propagação da variante linguística inovadora e, com isso, a variante *num* não constitui uma variante estigmatizada.

## Conclusão

Por meio de quadros com valores estatísticos apresentamos os valores percentuais das variantes negativas *não* e *num* e verificamos a alta produtividade do fenômeno no vernáculo conquistense. O grupo de fator linguístico analisado foi a *estrutura da negação*, a qual teve por finalidade verificar as posições sintáticas da negação. A hipótese inicial é de que as variantes *não* e *num* eram favorecidas nas posições pré-verbal e na dupla negação, e apenas o *não* era favorecido na posição pós-constituente. Tal hipótese foi confirmada pelos dados.

No que tange os fatores extralinguísticos, o nível de *escolaridade* sempre foi um fator determinante para a manutenção ou a exclusão de uma variante no sistema linguístico, com a negação não é diferente. Investigamos a relação entre o nível de escolaridade e a produção da variante *não* e a variante reduzida *num*. Elegemos como hipótese que informantes do Português Popular realizam mais a variante *num*. Os dados confirmaram essa hipótese.

A variável *faixa etária*, também, foi analisada e os valores encontrados confirmaram parcialmente a hipótese de que valores não são discrepantes entre os informantes das Faixas II e III, o que nos sinaliza uma variação estável.

Por fim, o último grupo de fator foi o *sexo* (masculino e feminino). Acreditávamos que as mulheres eram mais conservadoras em relação à forma da variante negativa do que os homens, mas os dados não confirmaram essa hipótese. O *num* foi predominante na fala de

informantes do sexo feminino. Resultado que nos permitiu inferir que a variante *num* não é estigmatizada.

Diante do que foi exposto, constatamos que negar é uma atividade cognitiva que expande os limites das gramáticas e, por isso, tem adquirido novas propriedades linguísticas. Prova disso são as variantes sintáticas e semânticas apresentadas nesse estudo.

## Referências

BRAGA, L.; SILVA, J.F.T. *Análise funcionalista das estratégias de negação do português oral culto de Fortaleza: um estudo de caso*. Entrepalavras, Fortaleza – ano 1, v. 1, n.1 p. 69-84, ago/dez 2011

FURTADO DA CUNHA, M.A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M.M. (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.167-189.

LUCCHESI, D; ARAÚJO S. *A Teoria da Variação Linguística*. Disponível em: <<http://www.verentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em 19/07/2017

NARO, A. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, C., BRAGA, M.L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p.43-50.

NUNES, E. S. O. *A negação do Português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em corpus*. 2014. Revista do SELL. vº 4 nº 1 p.1-19

REIMANN, C.A.; YACONVENO, L.C. *A negação no português falado em Vitória/ES: atuação de fatores discursivos e pragmáticos*. Anais do II CONEL- Congresso Nacional de Estudos Linguísticos. 2014. 35-37 p.

RONCARATI, C. *A negação no português falado*. In: MACEDO, A.T., RONCARATI, C. e MOLLICA, M.C. (Orgs). *Variação e discurso* – Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996

SOUSA, L. VITRAL, L. *Formas reduzidas do item “não” no Português Brasileiro* In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologia e aplicações*- Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí, e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese de Doutorado – UFSC, Florianópolis, 2003.

## Como citar este artigo (Formato ABNT):

PEREIRA, Savanna Souza de Castro; SOUSA, Valéria Viana. Um Estudo Sociofuncionalista das Variantes Negativas *Não* e *Num*.. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.44, p. 118-131. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 21/12/2018

Aceito: 27/12/2018.